

O ESTUDO DAS VARIAÇÕES REGIONAIS NO CONTEXTO DIGITAL

Claudia Maria Benício Barros (UERN)

claudiabenicio@alu.uern.br

Ivanisa Dias de Sales (UERN)

ivanisiasales@alu.uern.br

RESUMO

No novo modelo pós-moderno, tudo parece passar rapidamente sob um toque digital. A explosão da Cultura digital ou Cibercultura, segundo Santaella (2003), está associada com a sociedade da informação, uma mistura entre as culturas digitais, culturas orais e escritas onde surgiram os chamados ciberespaços, descritos por Lévy (1998), como um espaço conectado com diversas formas de tecnologias que têm habilidades de criar, gravar, comunicar e simular. Nesses modos, este artigo insere-se na área de concentração da disciplina; Fonologia, Variação e Ensino do Mestrado profissional em Letras – PROFLETRAS e aborda o ensino das variações linguísticas em contextos digitais. O objetivo geral desse trabalho é contribuir com as práticas de letramento digital no espaço de sala de aula e fazer circular novas possibilidades de ensino contemporâneo da língua materna. Nossas propostas de atividades foram desenvolvidas para o curso preparatório Metta Redação, conduzido pelo Profletras (UERN-Assú-RN), cujo público alvo são estudantes do IFRN e ENEM com base nas variações regionais (diferenças de léxico ou de fonemas). Como aporte teórico utilizamos; Antunes (2009), Bagno (2009), Bortoni-Ricardo (2004), Rojo (2013) e Soares (1997). A metodologia, de caráter quali-quantitativo, configurou-se na análise das coletas de dados através de uma sequência de atividades divulgadas nos *stories*, *reels* e carrosséis do *instagram* do cursinho. A análise dos resultados apontou a importância da escola fazer referência para o ensino de língua portuguesa e se apresentar como mediadora entre linguagem e sociedade

Palavras-chave

Ensino. Letramento digital. Variação linguística.

ABSTRACT

In the new post-modern model, everything seems to pass quickly under a digital touch. The explosion of Digital Culture or Cyberculture, according to Santaella (2003), it's associated with a information society, a mix between the digital, oral and writing cultures where the so-called cyberspaces came. According to Lévy (1998), a space connected too thers forms of technology wich has the ability of creating, recording, communicate and simulate. Thus, this article insert sitself in the area of subject concentration; Fonologia, Variação and Ensino, from the Mestrado Professional em Letras – PROFLETRAS, and approaches the teaching of the linguistics variations in digital contexts. The general objective of this work is to contribute for the practices of digital literacy at the classroom space and circulate new probabilities of contemporaneous teaching of the native language. New activity proposals were developed for the preparative class Metta Redação, leded by PROFLETRAS (UERN-Assú/RN), whose target audience are IFRN and ENEM students based on

regional diversity (lexicon or phoneme differences). As theoretical contribution, we used Antunes (2009), Bagno (2009), Bortoni-Ricardo (2004), Rojo (2013) and Soares (1997). The methodology, of quantitative feature, configured in the collected data analysis through a activity sequence published in the class Instagram stories, reels and carousels. The results analysis appointed the significance of the school to do reference to Portuguese language teaching and presente itself as the mediator between language and society.

Keywords:

Teaching. Digital Literacy. Linguistic Variation.

1. Introdução

O presente artigo é resultado da análise das coletas de dados realizadas através de uma sequência de atividades divulgadas nos *stories*, *reels* e carrosséis do *Instagram* do cursinho Metta Redação. A análise dos resultados apontou a importância de a escola fazer referência para o ensino de língua portuguesa e se apresentar como mediadora entre linguagem e sociedade.

Nessa perspectiva, o letramento digital se confirma como instrumento de transformação dessa realidade social, através da sua funcionalidade na construção de novas habilidades e, conseqüentemente, novos saberes. É através dele que se impõe uma maior interação entre o que se aprende na escola e o mundo globalizado. Nesse novo contexto, a escola surge como espaço de experimentação de uma aprendizagem permeada pela criatividade e mais ainda sendo o principal agente de acesso ao letramento, a escola deve tornar os estudantes capazes de compreender a importância do ler e escrever, usando estas práticas no dia a dia de forma a atender às exigências da sociedade (Cf. ROJO, 2009). O aluno torna-se, a partir dessa premissa, um sujeito ativo, de curiosidade aguçada, hábil na desconstrução de conceitos antes impostos e, a partir de então, protagonista de suas descobertas e de suas aprendizagens.

É relevante afirmar que os espaços digitais de comunicação potencializam o poder de integração entre seus usuários, uma vez que a velocidade com que ela se dá favorece a troca de informações e, conseqüentemente, a construção de novos saberes, maior apropriação do contexto e profundidade às práticas sociais.

Apresentamos em nosso trabalho um exemplo de flexibilidade dos ambientes educacionais e as práticas digitais sobre a perspectiva da variação regional com alunos do ensino médio do cursinho Metta Redação. Analisaremos o engajamento dos usuários nas postagens (*Reels*, Carrossel

e Enquetes nos *stories*). Essa atividade foi uma proposta realizada no Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) na disciplina Fonologia, Variação e Ensino e disponibilizadas na página @mettaredacao na rede social *Instagram*.

2. *A escola no meio digital*

Estamos vivendo em uma sociedade em constante transformação. O surgimento de ferramentas tecnológicas, como computadores, *softwares*, aplicativos e outros recursos digitais, trouxeram novas formas de interação e comunicação entre as pessoas.

Nesse percurso, a escola aparece como agente mediador que faz circular as novas tecnologias, dando espaço a diversos desafios e oportunidades que facilitam o processo de ensino–aprendizagem emergente nas práticas educacionais. Pensar sobre o ensinar e o aprender nos dias de hoje é estar conectado pelo *click* do mundo digital. É potencializar saberes e construir interatividade entre o mundo real e o virtual.

Buscando fundamentar ainda mais a importância da escola diante desse mundo conectado, citamos Freire (1996), em cuja obra *Pedagogia da Autonomia* esclarece que a escola se apresenta como local privilegiado à libertação, pois é pela possibilidade de debater, discutir, dialogar, que se alcançará a compreensão sobre a realidade circundante; e, assim, ser possível; escrever a história das mudanças e das transformações. Isto pode ser observado de diversas formas em seus escritos, como por exemplo, quando diz que

[...] é preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjogue. (FREIRE, 2006, p. 45)

Nesse ensejo, muitos conceitos foram criados para estabelecer a conexão e facilitar a compreensão entre os chamados nativos digitais e mais ainda, integrar a escola como agente desse meio digital. Segundo Lévy (1999), o ciberespaço é um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de negociação. O autor aponta para a grande potencialidade interativa do ciberespaço e defende a cibercultura como a interconexão mundial entre a rede e os seres humanos que interagem nesse ambiente.

É a partir dessas definições estruturais e ideológicas que chegamos até a sociedade plural transladadas com novas tecnologias e com a possibilidade de construção de conhecimento. Com base em novos mecanismos, recursos que implicam no surgimento de todas as habilidades e competências necessárias para o letramento digital. Em consonância a esses importantes aspectos que constituem o advento do letramento digital, ancoramos nossos estudos em Soares (2002), Rojo (2013) e Xavier (2011), onde cada um aposta nas diferentes possibilidades que compõe os ambientes educacionais.

Soares (2002) conceitua o letramento digital: “Certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela diferentes do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.” (SOARES, 2002, p. 151).

Rojo (2013) defende que é preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas.

De forma mais incisiva, Xavier afirma:

O Letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2011, p.2)

A partir desses pressupostos, é possível perceber claramente a importância da escola em oportunizar o letramento e as novas tecnologias. Fomentando estratégias e inovações no ensino e construindo uma relação intrínseca entre as atividades cotidianas na sala de aula e as práticas digitais. E ao fazê-lo no sentido mais amplo, teremos o aluno cada vez mais inserido em uma sociedade moderna e diante de novas possibilidades de fazer parte dos letramentos digitais. Diante dessa proposta mais complexa, apoiamos nos estudos de Buzato (2007), o qual traça uma visão inclusiva sobre os letramentos digitais, “são redes complexas de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam, contestam e modificam mútua e continuamente nas e por meio, virtude ou influência das TIC e que o fazem diferentemente em contextos culturais e situacionais diferentes”.

Apresentamos em nosso trabalho um exemplo de flexibilidade dos ambientes educacionais e as práticas digitais sobre a perspectiva da variação regional com alunos do ensino médio do cursinho Metta Redação. Analisaremos o engajamento dos usuários nas postagens (*Reels*, Carrocel e Enquetes nos *stories*).

3. *O pluralismo linguístico no ciberespaço*

A comunicação é uma das principais funções da língua, a partir dela se formam os grupos, as tribos, as comunidades que se agrupam e formam as muitas vozes que sustentam uma sociedade. Antunes (2012) traz uma reflexão sobre o movimento constante do mundo, seguido pelo poder reformulador da língua.

Tudo muda, tudo está em processo de definição e de redefinição; até mesmo as concepções que temos das coisas. Consequentemente, a língua também é instável e variável, ajustando-se a cada sociognitivo dos contextos em que têm lugar as ações de linguagem que empreendemos. (ANTUNES, 2012)

Evidenciamos aqui a abordagem sociointeracionista para a descrição da língua no seu contexto sócio cultural defendida por Bagno (2012) quando descreve a língua como uma entidade social em constante transformação por nós que a inventamos, nas relações sociais estabelecidas por meio da linguagem e que fazem a língua viva e em constante movimento. Há uma relação intrínseca entre a língua e o social, nos seguintes termos ela se moldam e se constroem de acordo com o interesse, e mais precisamente da necessidade das pessoas envolvidas na comunicação.

Comunicar em uma sociedade é comunicar reconhecendo as diversidades, a coletividade e as relações interpessoais resultantes de uma interação social. É possível, portanto, adentrarmos no universo da linguagem como elemento essencial para que o processo de interação aconteça de forma mais global. Segundo Bakhtin (1992) a unidade do meio social e do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que a língua, a fala possa tornar-se um ato de linguagem:

Os signos emergem em definitivo do processo de interação entre uma consciência individual e outra. [...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que é dirigida a alguém. Ela é exatamente o produto da interação do locutor com o ouvinte. (BAKHTIN, 2006, p. 32; 115)

Sobre o conceito de linguagem bakhtiniano, corrobora Travaglia (2000, p. 23) quando afirma que a linguagem é, pois um lugar de intera-

ção humana, de interação comunicativa pela produção de sentidos entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio histórico e ideológico. Ao compreender a importância da relação entre linguagem e sociedade é necessário destacarmos os efeitos para o ensino da língua materna no contexto contemporâneo.

Valendo-se das teorias discutidas anteriormente e diante do crescimento das tecnologias digitais, pensamos nos impactos da promoção de eventos de letramento digital, que contemplam as variações regionais de forma que motivem os alunos, a partir das novas práticas pedagógicas e como ressalta Soares (2021), um ensino da língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas, (...), não para que se adaptem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra as desigualdades sociais.

Apresentaremos a seguir alguns pôsteres que foram criados como atividade. Foram ao todo 10 carrosséis, distribuídos de forma dinâmica e atrativa, na intenção de integrar o aluno aos estudos da língua, em destaque as variações regionais, dentro do letramento digital.

4. Análise das postagens no Instagram

Post1; Conceito da língua viva e dinâmica.



Fonte: @mettaredacao. Publicado em 21 de julho de 2022.

Post 2: Podemos nos expressar de várias formas.



Fonte: @mettaredacao. Publicado em 21 de julho de 2022.

Post 3 Como pedir pão no Brasil?



Fonte: @mettaredacao. Publicado em 21 de julho de 2022.

É nesse contexto, que tentamos demonstrar o dinamismo da nossa língua e a importância de sabermos que não existe uma única língua correta. No entanto, devemos incluir no ensino da língua materna as expressões populares, os falares regionais, dialetos e outras variações linguísticas e atribuir a essa, um valor cultural e sem distinção social. Destacamos uma fala muito pertinente sobre o mito da língua “certa” ou “errada” “Ora, ninguém no Brasil efetivamente fala a norma-padrão, não existem ‘falantes do padrão’...” (BAGNO, 2013, p. 61).

Ficou claro nos comentários entre os internautas sobre as postagens dos carrosséis que houve um despertar sobre o assunto proposto, pois os mesmos reagiram com “palmas”, “curtidas”, e sinais que levava a interação clara sobre as diversas formas de falar uma mesma palavra em várias regiões, em especial sobre a postagem 3, a qual os internautas mantiveram mais reações positivas. Dessa forma, a língua surge como elemento importante na formação do vínculo social. Sob essa perspectiva, Geraldí (1984, p. 41) expressa “a linguagem é (...) um lugar de interação humana”. Pelo exposto, pode-se afirmar que o objetivo conceitual, reflexivo sobre o tema foi alcançado.

No que tange as publicações direcionadas para os *stories* da página do *instagram*, utilizamos um trecho do filme *O Auto da Compadecida* (2000), da peça teatral escrita por Ariano Suassuna. O longa-metragem destaca a linguagem dos personagens Chicó e João Grilo, que nos traz a fala do Nordeste do Brasil, representando a variação regional. Os comentários foram satisfatórios e evidenciado a integração dos internautas como: “Adoro esse filme”, “Que linguagem engraçada”. Nesse sentido, podemos observar que a variação regional se aproxima da identidade cultural do falante.

Para Antunes (2007, p. 104), “a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua”. Em suma, devemos perceber as diferentes formas do falar, respeitando os conhecimentos prévios dos alunos e tratar nas aulas de Língua Portuguesa a linguagem como interação social.

Post 4: Trecho do filme *Auto da Compadecida*.



Fonte: @mettaredacao. Publicado em: 21 de julho de 2022.

5. *Considerações finais*

As muitas transformações e inovações colocam a escola como agente socializador e o professor como agente do multiculturalismo gerado pelo avanço das novas e múltiplas mídias digitais. Dessa forma, não podemos adentrar no campo do ensino da língua materna, sem reconhecer a língua como um sistema vivo e dinâmico, que está se modificando, em diversos contextos e situações.

Partindo desse pensamento, essa pesquisa estabeleceu um recorte com o intuito de apresentar algumas atividades abordando o ensino da língua e suas variações, em destaque a variação regional, dentro do contexto digital. Um desafio real no cotidiano escolar do professor, considerando o domínio das novas práticas de letramento digital, atreladas ao ensino inovador e voltado para questões sociais.

Em síntese, percebemos a necessidade de criar novas estratégias, metodologias de ensino possibilitando que o aluno construa seu conhecimento sobre a linguagem de forma interativa. A partir do gráfico abaixo (fig. 1 e 2), de uma forma geral, é possível perceber que o número de contas alcançadas foi razoável, embora o engajamento tenha sido discreto. Isso nos faz perceber que, talvez, não tenha sido considerado tão relevante quanto esperávamos. Entretanto, nessa mesma percepção, nos

chama à reflexão o fato de que o alcance da publicação foi maior entre os perfis já seguidores do perfil @mettaredacao, o que nos leva a inferir o quanto a temática abordada ainda se faz distante do público em geral, o que pode ser ratificado na proposição de que “a cultura das mídias é um momento em que o consumidor passa a ter alguma escolha” (ROJO; MOURA, 2019). Numa rede social como o *Instagram*, não apenas o alcance, mas, principalmente, o engajamento dos seguidores reitera essa escolha individual.

Portanto, pensar em uma escola conectada é antes de tudo integrar o aluno às situações cotidianas, envolve-los nas práticas sociais para que no uso competente da linguagem ele integre outras esferas da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 41; 104

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de Português*. São Paulo: Parábola, 2013.

BAKHTIN, M (V. N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: HURITEX 1992.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BUZATO, Marcelo El Khouri. *Letramentos digitais e a formação de professores*. São Paulo: Portal Educarede, 2006.

_____. *Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas-SP. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000415042>. 2007. 284p.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. (Org.). *O texto na sala de aula: Leitura & Produção*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984, p 41-8

KOCH, Ingedore. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. (Org.). *Escola Conectada: os multiletramentos e as TICS*. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 18. ed, 3. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021. 160p.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2009.

XAVIER, A. C. Letramento digital e ensino. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2022.

_____. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

ANEXOS

Análise dos gráficos retirados do *Instagram* após as postagens do referente trabalho

Gráfico 1.

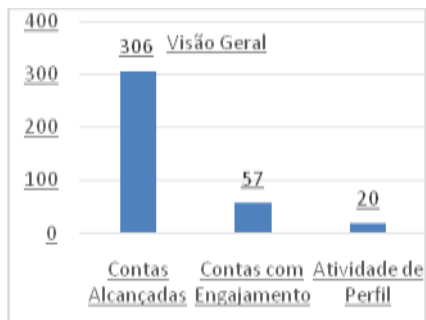


Gráfico 2.

